



## IMAGENS NA HISTÓRIA: SENSIBILIDADES, SIGNIFICADOS E REPRESENTAÇÕES

Leilane Aparecida Oliveira\*

Universidade Federal de Uberlândia – UFU

[Leilane.ufu@gmail.com](mailto:Leilane.ufu@gmail.com)

O livro **Imagens na História**<sup>1</sup> é resultado do III Simpósio Nacional de História Cultural, sob o tema – **Mundos da Imagem: do Texto ao Visual**, realizado em Florianópolis, em 2006, pelo GT Nacional de História Cultural da Associação Nacional de História (Anpuh).

Lá estiveram reunidos grandes intelectuais nacionais e internacionais, discutindo e debatendo sobre o universo da História Cultural, consistindo, pois, numa coletânea de textos debatidos em mesas-redondas e conferências, cujos organizadores são os professores: Alcides Freire Ramos (Universidade Federal de Uberlândia), Rosângela Patriota (Universidade Federal de Uberlândia) e Sandra Jathay Pesavento (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

As discussões presentes no livro permitem-nos viajar no mundo das imagens em suas múltiplas abordagens, leituras e significações, resgatando, por exemplo, a História através de recursos pictóricos e imagéticos, além de surpreender a própria imaginação e constituição da memória histórica através dessa



\* Graduada em História pela Universidade Federal de Uberlândia e integrante do Núcleo de Estudos em História da Arte e da Cultura (NEHAC). Bolsista de iniciação científica pelo CNPq.

<sup>1</sup> RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008.

variedade de fontes investigativas, revelando um mundo além do pensamento e das palavras.

Na apresentação do livro, intitulada: “Sobre Imagens, História e Cultura” é contada um pouco da trajetória dos Simpósios nacionais de História Cultural e da constituição e organização do livro em sessões temáticas, sendo: *I – Imagens da Memória e do Sensível; II – Imagens da Política; III – Imagens da Cidade; IV – Imagens da Escrita e V – Imagens de si, imagens do outro.*

A primeira sessão: *Imagens da Memória e do Sensível* é inaugurada pelo texto da professora Sandra Jathay Pesavento: “Imagem, Memória, Sensibilidade: Territórios do historiador”. A autora enfatiza a relação entre história e imagem e imagem e memória, ou melhor, como utilizar a imagem na produção da memória histórica. Pois, segundo Sandra Jathay:

As imagens são fruto da ação humana, que interpreta e recria o mundo como representação, exercendo grande fascínio. As imagens são visuais, e carregam consigo esta condição especial que se realiza no plano dos sentidos, ao serem captadas e fixadas por um certo tempo na retina de quem vê. Imagens são, pois, traços de uma experiência sensorial e emotiva.<sup>2</sup>

Com essas perspectivas a autora analisa álbuns de família, desvendando todo o universo simbólico presente por detrás de uma simples foto, que vai desde o estabelecimento dos planos, poses e disposições, que não estão livres de intenções diversas, cabendo ao historiador a tarefa de analisar esses pressupostos.

Em seguida, está o texto de Jacques Leenhardt: “Do documento naturalista ao documento social Jean-Baptiste Debret e os pintores viajantes”, que traz o olhar produzido pela cultura europeia para o continente sul-americano e para as populações extra-europeias, produzindo uma imagem (presente nas obras de arte), evidenciadas pelas próprias narrativas de viagem, ou pela própria concepção de selvagem no imaginário do artista, o que foi possibilitado pelo Ilustrado século XVIII, que segundo Jacques Leenhardt abriu-se para o conhecimento do outro, onde todos embarcaram nas grandes viagens de exploração, inclusive os desenhistas, juntamente com topógrafos, botânicos e zoólogos.

---

<sup>2</sup> PESAVENTO, Sandra J. Imagens, memória, sensibilidades: territórios do historiador. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008, p. 18.

No texto de Chiara Vangelista: “História e Fotografia. Narrativas de um Espaço de Colonização: Uruçanga”, a autora pauta-se na análise da fotografia como fonte histórica, propiciada pelo processo de multiplicação das fontes históricas, constituindo: “[...] no âmbito da pesquisa histórica [...] o documento de um acontecimento ou de um ambiente, mas, sobretudo, é a expressão de uma forma de representação, social e cultural”.<sup>3</sup> Assim, Chiara Vangelista voltar-se-á para as fotografias de álbuns de família referentes a imigrantes europeus na Argentina, no início do século XX, além de fotografias do espaço de colonização italiana que é Uruçanga, em que identifica uma série de relações sociais e culturais representadas pelas fotos, que vai desde a disposição dos sujeitos até à própria perspectiva do fotógrafo com a criação/construção e manipulação do fotografado, o que influencia no processo de construção e percepção da imagem e conseqüentemente no processo de narração de acontecimentos, pois: “Nenhuma imagem é inocente”.<sup>4</sup>

Com o texto “Paisagens Narrativas do Espaço Amazônico” de Maria de Fátima Costa, podemos conhecer um pouco da relação entre homem e natureza nas artes, em que ilustradores do final do século XVIII percorreram o curso dos rios da Amazônia e produziram diversas aquarelas e imagens de paisagens, através das quais a autora busca reconhecer para além da natureza, todo o complexo memorialístico embutido nos autores de tais obras de arte e conseqüentemente nas próprias obras.

Em “Imago Mortis: O Texto, A Imagem, O Rastro dos Subalternos”, Roberto Vecchi problematiza os silêncios das representações, a partir da preocupação, segundo ele, quanto à possibilidade de se pensar uma História Cultural que consiga resgatar rastros mínimos ou inexistentes dos subalternos, apagados nas representações dominantes. A partir desta indagação o autor busca compreender como se dá o aparecimento dos subalternos em determinados eventos da história, em que imagem e texto se unem para “[...] abrir brechas nos silêncios e nas trevas de histórias que não se deixam ou não se podem contar”.<sup>5</sup> Para isto o autor parte da análise de fotografia e de

---

<sup>3</sup> VANGELISTA, Chiara. História e Fotografia. Narrativas de um espaço de colonização: Uruçanga. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008, p. 50.

<sup>4</sup> Ibid., p. 63.

<sup>5</sup> VECHI, Roberto. Imago mortis: o texto, a imagem, o rastro dos subalternos. In: Ibid, p. 84.

algumas tipologias textuais, em que ele usa como exemplo a obra de Euclides da Cunha: *Os Sertões*.

Invadindo outra fonte de estudo que não apenas o da fotografia como representante de uma imagem/memória do passado, encontramos também a idéia de espetáculo teatral presente no texto: “Rememorar O Espetáculo e Observar-se Rememorando: Um Estudo Acerca do Imaginário dos Espetáculos – Teatro: Variações Sobre o Tema e Homem: Variações Sobre o Mesmo Tema” de Maria Luiza Filippozzi Martini. O texto faz uma percepção sobre a memória de espetáculos, partindo, segundo a autora, do ponto de vista das sensibilidades, envolvendo “[...] sensações, percepção, sentimentos e conceitos, operando por meio do imaginário”.<sup>6</sup> Este texto apreende o movimento da memória na formação de uma narrativa, em que ela opera enquanto um documento, um registro, que fornece imagens de um passado, de uma vivência, marcada pelas sensações, por um processo de rememoração e até de esquecimento.

O último texto desta sessão intitulada *Imagens da Memória e do Sensível*, é da autoria de Maria Bernadete Ramos Flores, intitulado: “Imagem e Memória: As musas Inquietantes”, em que é analisada a representação do corpo feminino através de esculturas e pinturas clássicas e surrealistas, podendo observar as diferentes representações da imagem de perfeição nas diferentes obras, partindo do ponto de vista da análise estética. A autora reflete ainda sobre a sobrevivência de imagens, que segundo ela, tem levado antropólogos, filósofos e historiadores da arte a se interrogarem sobre o estatuto da imagem na história, que está além de sua utilização apenas como ilustrativa de textos, mas que está embutida num processo de transmissão de conhecimento e memória, desvendando fatores sociais e culturais.

A sessão seguinte: *Imagens na Política* reúne uma série de textos pautados na construção de imagens no embate com a política. Essas imagens são apreendidas através de diversas linguagens, tais como o teatro, o cinema, a literatura, a escrita biográfica e a fotografia. O primeiro texto, de Sabina Loriga, intitulado “Imagem do Historiador, Entre a Erudição e a Impostura”, traça uma investigação acerca da imagem que se tem do historiador, procurando segundo ela, “nos ver nos olhos de um outro”,<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup> MARTINI, Maria Luiza F. Rememorar o espetáculo e observar-se rememorando. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008, p. 88.

<sup>7</sup> LORIGA, Sabina. A imagem do historiador, entre erudição e impostura. In: *Ibid.*, p. 130.

especificamente dos romancistas, analisando diversas obras, pautando-se na relação entre História e Romance e História e Ficção. A autora apresenta ainda, um pouco da discussão sobre a relação entre passado e presente e da questão da subjetividade do historiador nessa relação.

O texto da professora Rosangela Patriota Ramos: “A transfiguração da Fé Religiosa na Crença Revolucionária: *Mistério-Bufo*, de Vladímir Maiakóvski, e a Criação da História” embarca-nos numa viagem ao mundo teatral de Maiakóvski, bem como seus ideais revolucionários e na sua fé revolucionária expressa na obra *Mistério-Bufo*, que traz ideais e formas revolucionárias na própria maneira de se fazer arte com o advento do cubo-futurismo, pois, segundo Rosangela Patriota:

[...] os cubo-futuristas acreditavam que, no campo estético, a revolução contribuía com um olhar diferenciado sobre a arte e o artista, pois o advento de uma nova ordem social e econômica propiciaria a emergência de distintas formas de expressar a cultura e o universo simbólico daquele mundo a construir.<sup>8</sup>

E o contexto da obra é o da própria a Revolução Russa, na qual Maiakovski projeta a transfiguração da fé religiosa na crença revolucionária, sobretudo na reelaboração de parábolas bíblicas. Assim, o texto traz-nos a possibilidade da criação de uma imagem da Revolução através do olhar teatral.

Outro ambiente a ser revisitado pelo leitor através do texto de Alcides Freire Ramos é o do cinema. Em seu texto: “Imagens da sensibilidade Revolucionária no Cinema Brasileiro dos Anos 1960”, o autor propõe uma reflexão acerca da noção de sensibilidades pautando-se, sobretudo, no cinema brasileiro da década de 1960, inserido num contexto de grande efervescência social, político e cultural, considerando o cinema enquanto um veículo privilegiado das sensibilidades ou das paixões políticas. Assim apresenta o movimento do Cinema Novo, movimento, segundo ele, considerado “[...] o momento mais importante na busca de uma cinematografia engajada política e esteticamente”,<sup>9</sup> surgido dos pressupostos da busca de uma “arte nacional”, comprometida com a transformação social, pois toda essa movimentação cultural estava atrelada ao período de grande movimentação presente no governo de Jango e que antecedeu ao golpe militar de 1964. Assim, são apresentados filmes de Rui Guerra (*Os*

<sup>8</sup> PATRIOTA, Rosangela. *Mistério bufo*, de Maiakovski, e a recriação da História. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008, p. 144.

<sup>9</sup> RAMOS, Alcides Freire. Sensibilidade revolucionária no cinema brasileiro. In: *Ibid.*, p. 167.

*Fuzis*), Nelson Pereira dos Santos (*Vidas Secas*) e Glauber Rocha (*Deus e o Diabo na Terra do Sol*), pois, assim como afirma o autor:

Esses filmes foram fortemente marcados pelas propostas de superação do subdesenvolvimento brasileiro. Era um cinema de intervenção política, que esteticamente dialogou com o chamado neo-realismo italiano e que foi marcado por uma sensibilidade revolucionária otimista.<sup>10</sup>

Outro elemento apresentado no livro *Imagens na História* é a autobiografia, consistindo em uma outra possibilidade de estudo no campo da História Cultural. A autobiografia está presente no texto: “Memória e História nos Escritos Autobiográficos de San Tiago Dantas” de Ângela de Castro Gomes, em que a autora traz um questionamento acerca da subjetividade na História e da relação História e memória, ao passo que, segundo a autora, os historiadores que lidam com os

[...] chamados documentos auto-referenciais acabam sendo forçados a refletir mais intensamente sobre tal questão. Isso porque tais documentos, por integrarem práticas culturais de produção do “eu” – por serem uma escrita de si –, evidenciarão, de forma clara, a dimensão subjetiva presente na narrativa de atores históricos.<sup>11</sup>

Assim, encontra nos documentos autobiográficos de San Tiago Dantas as possibilidades de desvendar essas questões referentes à visão do mesmo com relação à sua imagem política até os anos que antecederam a instauração da ditadura militar de 1964, marcada pelas perspectivas próprias e pelo seu distanciamento na enunciação de suas qualidades, permitindo com que fala de si como um outro.

No texto: “Foto ícones, a História Por Detrás das Imagens? Considerações sobre a narratividade das Imagens Técnicas” de Ana Maria Mauad, a fotografia é apresentada de maneira a evidenciar a sua utilização na imprensa brasileira, foto-ícones que “[...] ganham expressões públicas, associadas ao mundo da política e a noção de acontecimento histórico”.<sup>12</sup> A partir desse recurso questiona-se a possibilidade de contar a História por meio das imagens, uma vez que se compromete com o tempo e o espaço de sua produção/reprodução. Utiliza, portanto de imagens sugestivas de períodos importantes da História do Brasil: a foto de 1958 (Juscelino, o presidente voador, por

<sup>10</sup> RAMOS, Alcides Freire. Sensibilidade revolucionária no cinema brasileiro. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008, p. 168

<sup>11</sup> GOMES, Angela de Castro. Memória e história nos escritos de San Tiago Dantas. In: *Ibid.*, p. 182.

<sup>12</sup> MAUAD, Ana Maria. Sobre a narratividade das imagens técnicas. In: *Ibid.*, p. 197.

Flávio Damm); de 1962 (Qual é o rumo? – foto de Jânio Quadros, por Erno Scheneider) e de 1984 (Tancredo e Ulisses Guimarães, por Milton Guran). Todas essas fotografias, colocadas em análise, possibilita-nos desvendar um pouco do cenário político de seus respectivos períodos.

No texto de Élio Cantalício Serpa: “1972: Sesquicentenário da Independência: Uma Estética para a Nação, Memória, Poder e Tecnologia”, ele se propõe a defrontar com relatórios sobre as comemorações do sesquicentenário da Independência, utilizando, pois, como fonte de memória, a revista *O Cruzeiro*, de 13 de Setembro de 1972, intitulada: *Brasil, mais Brasil*, com edição especial de título: Edição Histórica do Sesquicentenário. Parte da análise do planejamento dos rituais de comemoração pela esfera governamental, uma vez que o país era regido por uma ditadura militar e da homenagem à comemoração pelo Jornal *O Cruzeiro*, que influenciou inclusive nas campanhas publicitárias. Desta maneira, Élio Cantalicio resgata imagens, cartazes publicitários, que afirmam tal influência e como o jornal utiliza-as para afirmar uma modernidade tecnológica.

A terceira sessão do livro: *Imagens da Cidade* resgata diferentes momentos e maneiras de se olhar para as mais diferentes cidades, como é demonstrado no texto de Maria Izilda Santos de Matos: “Santos: Para além do Porto do Café”, em que resgata a cidade de Santos como sendo palco de experiência e trocas culturais advindas do porto e como a cidade é vista através dos rastros da memória, das sensibilidades, sensoriedades e também por depoimentos, sonoridades e imagens.

Com o texto de Antonio Herculano Lopes: “De como os Mulatos Entraram na História dos Musicais Cariocas”, temos um pouco da imagem de musicais que trazem como enredo os estereótipos de raça e cultura, sobretudo dos mulatos e da cultura carioca, expresso por diversas produções com marcas peculiares e cômicas.

Um pouco da imagem do carnaval carioca também nos é transmitida pelo artigo de Márcia Ramos de Oliveira: “Mozart na Ópera do Carnaval: Canto e visão sem igual”. A autora fala sobre o samba-enredo da Escola de Samba Unidos da Tijuca de 2006, que traz a música “enquanto som e imagem, memória e sentimento”,<sup>13</sup> reforçando

---

<sup>13</sup> OLIVEIRA, Marcia Ramos de. Mozart na Ópera do Carnaval: Canto e visão sem igual. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008, p. 275.

a idéia de carnaval – espetáculo, voltados para um público e que traz consigo significados.

Charles Monteiro aborda e problematiza em seu artigo: “A cidade em Textos e Imagens na Obra de Érico Veríssimo”, as representações de cidades construídas pelo autor, em que uma imagem de cidade vai sendo pintada, uma imagem de cidade vai sendo fornecida e focalizada no decorrer das tramas, mesclando-se ficção e realidade.

Dentro de imagens da cidade, Ricardo de Aguiar Pacheco com seu artigo: “Ver e ser visto pelo poder: Quando a política vai às ruas na Porto Alegre dos anos de 1920”, propõe um olhar para o Rio Grande do Sul à partir da Primeira República, na utilização dos espaços públicos em meio aos festejos e datas comemorativas, como espaço de legitimação do poder em que as disputas políticas são expressas.

Em: “Lealdades compartilhadas: Famílias negras e etnicidades no espaço urbano (Porto Alegre, século XIX)”, Paulo Roberto Staudt Moreira transmite uma imagem de trajetórias individuais de africanos, escravizados no Brasil e libertos, bem como suas práticas, costumes, relações entre si e seus ex-senhores e a convivência reinventada “[...] na ausência de uma rede familiar consangüínea”.<sup>14</sup>

Na sessão intitulada *Imagens da Escrita*, é descortinado um universo que vai além das palavras, mas, sobretudo, para suas significações e os efeitos produzidos na prática da leitura, além da observação da escrita como portadora de uma sensibilidade, signos e representação. Nesse sentido, Mônica Pimenta Velloso em seu texto: “Sob a Copa das Árvores, Imagens de sensibilidade na Correspondência Modernista”, apresenta-nos as correspondências como documentos e “rede de interações sociais, desencadeando trocas de experiências, adesões e sociabilidades”,<sup>15</sup> além de colocar ao centro das discussões, as correspondências de Mario de Andrade à Manuel Bandeira, Tarsila do Amaral e Carlos Drummond de Andrade, projetando uma memória do modernismo no Brasil, em que Mario de Andrade propõe e ressalta a necessidade de se fazer uma arte brasileira, “dar alma ao Brasil”, utilizando a árvore como uma metáfora, na qual é preciso fazer com que crie raízes para a sustentação da nacionalidade, bem como a idéia de verticalidade e equilíbrio entre o homem e o cosmos (entre terra e ar).

---

<sup>14</sup> MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. Famílias negras e etnicidades em Porto Alegre. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008, p. 325.

<sup>15</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. Imagens de sensibilidade na correspondência modernista. In: *Ibid.*, p. 329.



No artigo de Márcia Abreu: “Sob o olhar de Priapo: Narrativas e imagens em romances licenciosos setescentistas”, a autora ressalta o prazer proporcionado pela leitura, pela prática da leitura, que pode transcender o prazer espiritual, de bem estar que a leitura nos traz, atingindo inclusive o prazer físico e literalmente falando, o próprio prazer sexual, por se tratar de romances com conteúdos eróticos. Assim, ela resgata imagens e trechos desses romances licenciosos, trazendo conteúdos considerados “perigo para a moral e o espírito”, de conteúdo libidinoso, envolvendo o leitor na relação entre ler e sentir, num ver-se observando e experimentando o prazer através de objetos e práticas de outrem, com o prazer de outrem. Pois, “[...] esses são livros que se lêem, e se escrevem, com uma só mão”.<sup>16</sup>

Nelson Schapochnik em seu: “Malditos Tipógrafos” apresenta-nos o processo e trabalhos tipográficos no Brasil ao longo do século XIX, consistindo, segundo o autor, numa verdadeira aventura da cultura letrada, diante de poucos recursos e falta de trabalhadores capacitados, o que comprometia o processo de produção das obras e a própria qualidade das mesmas.

Em: “Tenha modos! A correspondência em manuais de civilidade e etiqueta (anos 1920-1960)”, de Maria Teresa Santos Cunha, uma literatura de civilidade é explorada, literatura que visava reger condutas, através da própria formação do conceito de civilidade, controle de conduta, boas maneiras e que se tornou conteúdo obrigatório, nas primeiras décadas do século XX, dos programas de formação de professores e material didático em disciplinas como: Educação Moral e Cívica, Economia Doméstica, Higiene, Literatura e Didática. Desvendando, pois, “[...] como os indivíduos desenvolvem suas maneiras de ser no tempo e no espaço”.<sup>17</sup>

No último capítulo da coletânea, intitulada: *Imagens de si, Imagens do outro*, o campo das identidades, do ver e ser visto é descortinado, oferecendo-nos imagens do visível e do invisível na relação eu – outro. Nesse sentido, Joana Maria Pedro em seu texto: “Uma Nova Imagem de si: Identidade em Construção” utiliza a mídia e a imagem que ela projeta sobre determinados assuntos e aspectos da vida e que interfere no

---

<sup>16</sup> ABREU, Márcia. Narrativas e imagens em romances licenciosos. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008, p. 373.

<sup>17</sup> CUNHA, Maria Teresa Santos. A correspondência em manuais de civilidade e etiqueta. In: *Ibid.*, p. 411.

processo de afirmação/construção de uma identidade. Trata-se, pois, de um depoimento de uma mulher num fim de capítulo de novela e através desse depoimento a autora salienta o processo de formação de consciência da mulher, da criação de sua identidade e das barreiras encontradas na sociedade em que vivem.

Eduardo França Paiva em: “Onde está o outro? A presença Invisível o Etnocentrismo e a Construção de Imagens”, fala sobre a influência da cultura europeia na representação do outro, um outro que parte da concepção de um eu, sobretudo expressos em obras de arte. Assim, não é raro observar o escurecimento da pele dos não europeus em representações pictóricas, em que as “[...] imagens e representações de infieis escravos, africanos, hereges e, também de mestiços fundiam-se e, cada vez mais diferenciavam o católico europeu original dos outros, inclusive de europeus menos pura biologicamente, religiosa e culturalmente”.<sup>18</sup> Reforçando, por isso, os aspectos etnocêntricos.

Por último, o artigo de Artur César Isaia, “Mensagens do Além, Imagens do aquém: O Espiritismo no Discurso da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro nas Primeiras Décadas do Século XX” ressalta a imagem que o espiritismo projetava na sociedade, sobretudo entre os embates com o discurso Católico, com os padres e com o próprio discurso médico – psiquiátrico, portanto, com os médicos.

É diante desse universo simbólico rico, apresentado pelo livro *Imagens na História*, que o leitor pode deliciar-se com o vasto território da História, apresentada de diversos focos, sob diferentes perspectivas e documentos. Temos por meio deste, diferentes e diversas imagens do passado, do ser humano e do mundo. Por isso, afirmar: “Isto não é uma maçã”, ou no original: Ceci n’est pas une pomme, referindo-se à pintura de René Magritte,<sup>19</sup> que criativamente foi definido como capa da edição, não poderia dispensar comentários, pois diante do universo das representações oferecidos pelo livro, afirmar que, o que está expresso na imagem não é uma maçã, é concordar que esta seja apenas uma representação do que vem a ser a maçã, poder-se-ia deduzir que: o que está presente no livro portanto, não são apenas imagens da História, mas representações que vão além do que os olhos podem ver, representação de algo mais complexo, que

---

<sup>18</sup> PAIVA, Eduardo França. A presença invisível, o etnocentrismo e a construção de imagens. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosângela; PESAVENTO, Sandra J. (Orgs.). **Imagens na História**. São Paulo: Aderaldo & Rotschild, 2008, p. 433.

<sup>19</sup> René Magritte (1898 -1967): artista belga, considerado um dos principais pintores surrealistas.

perpassa um campo simbólico, desvenda fatores sociais, políticos e culturais. São, sobretudo, imagens na História, que requer sensibilidade para capturá-las e fornecê-las.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)